

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Divonzir Arthur Gusso

DO IPEA

### Um Tema Recorrente — Educação e Trabalho<sup>1</sup>

---

Tanto quanto por seu conteúdo, é interessante este livro pela natureza da sua elaboração. Trata-se de uma retomada de pesquisas e ensaios anteriores que, nas palavras do autor, "sofreram um processo de reflexão e maturação".

Este processo inclui a discussão dos resultados de quatro pesquisas - uma delas recompondo os achados de quase cinquenta outras — e de revisões de literatura apresentadas em outros ensaios. E consiste, ao cabo, em tecer alguns fios que relacionam e tentam sintetizar seus achados. O objeto comum destes vários estudos-fonte é o cidadão jovem e suas vicissitudes de inserção social derivadas das condições sociais de educação e de trabalho.

O autor propõe uma *tese substantiva*, enunciada ao início, e que se retoma em vários outros momentos do texto: a de que o ingresso do jovem no mercado de trabalho integra os *rios de passagem* por meio dos quais se atribuem às gerações mais novas papéis sociais, segundo a hierarquia dos grupos etários na sociedade.

As Ciências Sociais têm procurado equacionar elementos deste rito como fatores determinantes, estruturais ou circunstanciais, que interferem em diferentes dimensões desse processo: a estrutura ocupacional, a natureza e a distribuição de oportunidades educacionais, as fontes e formas de aquisição de habilidades técnicas e de relacionamento na organização do trabalho, o volume e os tipos de emprego existentes em cada época ou ciclo de desenvolvimento, entre outros.

Na maioria dos casos, as pesquisas foram orientadas no sentido de esmiuçar as relações entre aquisição de competências (de vária sorte) por via escolar, acesso e progresso social e laboral, com propósito, também predominante, de interferir sobre a oferta de educação e, por aí, a de meios de sobrevivência e ascensão.

---

<sup>1</sup> Gomes, Cândido Alberto. *O jovem e o Desafio do Trabalho*. São Paulo, EPU, 1990, 125 pp.

Observando esta busca, nos capítulos e seções de revisão teórica e interpretativa, o autor se encaminha para outra tese, desta vez *adjetiva*: estes esforços têm o fragmentado o campo de observação — tanto no plano da construção teórica como no da empírica — de tal sorte que nenhuma linha explicativa consegue dominar a complexidade do processo. Ou seja, o olhar é prismado e a compreensão se torna fatalmente incompleta, senão insuficiente.

É engenhoso o artefato de análise empregado pelo autor: mapeia as grandes correntes teóricas que procuram tratar os temas em dimensão "universalizada" (no Capítulo 3 analisa as teorias de "longo alcance", conforme sua adesão aos quase-paradigmas conflituais e consensuais) para, em seguida, mapear interpretações especificadas ao "caso brasileiro", buscando convergências e dissonâncias. Concomitantemente, intenta reconsiderar os achados, segundo "cortes" em função de setores de atividade econômica e extração social dos jovens e dos níveis, modalidades e formas de educação que puderam adquirir.

Assim, nota uma especificidade do caso brasileiro — de resto comum a países medianamente desenvolvidos — derivada da heterogeneidade estrutural de sua economia e organização social: os grupos (jovens) são lançados ao mercado em "ondas" sucessivas, caracterizadas, de um lado, por idade, origem familiar, nível de renda e de educação formal, e, de outro, pela hierarquia dos pontos de entrada e possibilidades subsequentes de mobilidade ocupacional e social a que se destinam na estrutura de emprego.

Isto levaria a uma aparente congruência entre (níveis de) *educação* e (níveis de) *ocupação*; ou seja, meninos pobres obtêm menor escolaridade, ingressam no mercado precocemente e em posições inferiores, com menores perspectivas de ascensão. Esta manifestação tanto confirmaria a explicação reprodutivista como a funcionalista. No entanto, posto assim de modo linear, este nexos deixa de levar em conta outras circunstâncias: como a de que outras formas de preparo para o trabalho tendem a suprir ou mesmo substituir os efeitos da educação escolar, ou de que o jovem trabalha para voltar a educar-se, ou até de que certos segmentos proporcionam oportunidades de habilitação e de ascendência ocupacional independentes da origem social do trabalhador.

Diz o autor: "Na verdade, o conjunto das pesquisas nos mostra a impossibilidade de afirmar uma relação mecânica entre trabalho e escolarização. Há tipos de trabalho que realmente impedem a criança e o adolescente de irem à escola... No entanto, em algumas circunstâncias, o trabalho pode favorecer o estudo."

A análise dos recortes segue o mesmo trajeto. Sem dúvida, a indústria parece aumentar mais do que o terciário tanto as exigências educacionais como as possibilidades de mobilidade ascensional, levando à afirmação de que "o setor industrial não é o lugar por excelência dos fracassados na escola". Mas, outra vez, os cortejos levam a encontrar mais exceções do que regras. E ao se introduzir a hipótese da "segmentação", melhora o entendimento daquelas, contudo estas permanecem obscuras: "os efeitos da escolaridade podem estar simplesmente ocultos, requerendo mais investigação."

Afinal, como já se aprende de outras literaturas, o que parece certo é que a sociedade (e o Estado), apesar dos intentos de intervenção "funcionalizante",

movimenta de modo independente as estruturas de oportunidades educacionais — escolares e não escolares, genéricas ou finalísticas — e as estruturas de distribuição de renda e de criação de empregos. Ao mesmo tempo cria novos nexos entre uma e outra esfera de vida, que não são captados nem pelas políticas educacionais nem pelas políticas econômicas, tornando pouco frutíferas as doutrinas até aqui difundidas de integração entre escola e trabalho. Especialmente quando, como argumenta Claus Offe, a categoria trabalho vai perdendo centralidade na vida contemporânea. E na medida em que a organização da produção, as relações de trabalho e a sociedade requerem novos parâmetros de qualidade educativa e de equidade na sua distribuição, que se situam acima e além das habilitações profissionais específicas.

É valioso, neste quadro, portanto, o balanço retrospectivo do professor Cândido Gomes, ao ensinar, de modo competente, como esses temas foram abordados nestes últimos anos e mostrar as avenidas (e especialmente os becos) da pesquisa resultante. Entretanto, demonstra também que é sempre bom fazer o prudente exercício de voltar a refletir — criticamente e, pois, sem as peias da circunstância — sobre o conhecimento produzido para fundar o conhecimento ainda a ser conquistado.

